

CADERNOS  
DO POMO  
BRASILEIRO

EXTRA

Poemas  
para a  
Liberdade

**VIOLÃO DE RUA**  
(Vol. II)

CADERNOS DO POVO BRASILEIRO

*Diretores:*  
ÁLVARO VIEIRA PINTO  
ÊNIO SILVEIRA

Volume Extra

*desenho de capa:*  
EUGÊNIO HIRSCH

*Exemplar*      Nº    00680

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.  
*Rua 7 de Setembro, 97*  
RIO DE JANEIRO

1962

Impresso nos Estados Unidos do Brasil  
*Printed in the United States of Brazil*

## VIOLÃO DE RUA

(II)

*Poemas de*  
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA  
ALBERTO JOÃO  
CLÓVIS MOURA  
FELIX DE ATHAYDE  
FERREIRA GULLAR  
FRANCISCO JOSÉ DIAS PINTO  
GEIR CAMPOS  
HEITOR SALDANHA  
HOMERO HOMEM  
J. J. PAES LOUREIRO  
JOAQUIM CARDOZO  
JOSÉ CARLOS CAPINAM  
LUIZ PAIVA DE CASTRO  
MOACIR FELIX  
REYNALDO JARDIM

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.  
RIO DE JANEIRO

## INDICE

Nota Introdutória .....	9
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA	
Poema para Pedro Teixeira assassinado .....	14
ALBERTO JOÃO	
Impressões de uma Cidade do Interior .....	20
O Sonho de Maria .....	21
Liberdade .....	23
CLÓVIS MOURA	
Réquiem Amargo .....	26
Pesadelo de Recruta .....	29
Natal do Pequeno-burguês .....	31
FÉLIX DE ATHAYDE	
Ah!mérica .....	34
Come e Dorme .....	36
FERREIRA GULLAR	
Que Fazer? .....	40
A Bomba Suja .....	43
Figuras .....	45
Tempo Escuro .....	46
FRANCISCO JOSÉ DIAS PINTO	
Inferno .....	48
GEIR CAMPOS	
Lição .....	52
Oração Reordenada .....	52
Fragmentos .....	53

Prenúncio .....	53
Lembrête a um Poeta Neutro .....	54
Ritmo Quadrangular .....	55
<b>HEITOR SALDANHA</b>	
A Morte do Tocador de Carro .....	58
Paisagem Dura e Espera .....	59
Canto Abrangente .....	60
<b>HOMERO HOMEM</b>	
Sôbre o Tempo e as Trocas .....	64
Cartilha do País do Não Chove .....	66
<b>J. J. PAES LOUREIRO</b>	
Canto Angustiado aos Plantadores de Cana .....	68
<b>JOAQUIM CARDOZO</b>	
O Retirante .....	74
<b>JOSÉ CARLOS CAPINAN</b>	
Poema Intencional .....	84
O Rebanho e o Homem .....	85
Poema Subversivo .....	86
Silhuetas .....	87
<b>LUIZ PAIVA DE CASTRO</b>	
Canto Burguês para Marilyn Monroe .....	90
Lumumba Nasce no Congo .....	92
Mêdo Burguês .....	93
<b>MOACYR FELIX</b>	
Na Porta da Reforma Agrária .....	96
Ladainha .....	99
Às Margens dêste rio Cantarei .....	101
Três Anotações Sôbre as Mudanças do Tempo .....	103
<b>REYNALDO JARDIM</b>	
Com a Mão Aberta .....	108
Joaquim .....	109
O Gato .....	110
A Coisa Útil .....	112

## NOTA INTRODUTÓRIA

*Assim como já havia sido com o primeiro, imaginamos e organizamos êste segundo Violão de Rua em colaboração com o CENTRO POPULAR DE CULTURA, da União Nacional dos Estudantes, cujos programas e cujos objetivos vêm caracterizando, cada vez mais, uma apaixonada e eficiente presença dentro dos setôres mais vivos da atualidade cultural brasileira.*

*Êsse programa e êsses objetivos bem poderiam ser resumidos, quanto ao que se refere a esta publicação, na necessidade de a poesia brasileira, imersa nas interrogações ou afirmações de um tempo que a essencializa, não ser mais aquela sucessão de falsos espelhos ou de enganadoras rosas, tão em voga até há pouco, e que um pensamento não livre ainda teima em interpor, contorsionadamente, entre a imagem que as classes dominantes desejam de si próprias e a crua realidade do suor e do sangue derramados pela humanidade que elas oprimem ou esmagam.*

*Fincada na identificação do humano com os impulsos de transcendência ou de liberdade, de consciente solidariedade, ou seja, distanciada também das simplificações forçadas ou de qualquer dogmatismo, a dignificação do ato de escrever ergue-se, entre nós, cada vez mais confundida com o ato de conhecer-se conhecendo a causa profunda, e os efeitos mais íntimos, das atuais*

*circunstâncias que determinam o pensamento e a ação — a revolução do homem brasileiro.*

*Consciência, mais consciência, eis o que se pede portanto.*

*Guiada por um critério acentuadamente político-social, e que não exclue a validade de outros critérios achados nos caminhos da poesia e da arte, a publicação desta série de poemas visa apenas realizar a apresentação de alguns esforços e de algumas tentativas aptas a provocar e estimular um clima propício ao aparecimento ou ao renascimento de uma literatura que responda ao seu tempo, universalizando-se fatalmente, em suas criações maiores, por não se querer mais de costas voltadas para a realidade e para a vida. Daí, a sua sensível acolhida aos poemas que buscam uma linguagem que não se distancia dos ritmos populares; daí, também, o seu consciente propósito de acolher — ao lado daqueles, e dentro do critério acima citado — as diferentes formas e os diferentes estilos que vêm servindo às diversas individualidades criadoras, no Brasil, para expressar seus sentimentos de inconformidade ou suas exigências de um mundo mais livre e, portanto, mais humano.*

*Daí, acrescentarmos, o equívoco que seria vislumbrar entre as suas intenções a de se constituir num panorama geral ou numa antologia da moderna poesia social brasileira: isto, sabemos, é tarefa bem mais ampla, e a ser equacionada em outras dimensões de seleção e de crítica. Tarefa essa, aliás, que já se encontra inscrita na programática pauta de Ênio Silveira, diretor da Civilização Brasileira, e, ao lado de Alvaro Vieira Pinto, da coleção CADERNOS DO POVO BRASILEIRO.*

*Aproveitamos a oportunidade para declarar que não se poderia ver nesta compendição o resultado do trabalho de um só, já que em sua elaboração cooperaram os poetas Ferreira Gullar, Geir Campos e Reynaldo*

*Jardim. E, afinal de contas, perguntamos, o que é este livro senão uma comunicação a várias mãos, feita por todos aqueles que dêle ora fazem parte?!*

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1962

MOACYR FELIX

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

*(do C.P.C. de Belo Horizonte)*

POEMA PARA PEDRO TEIXEIRA ASSASSINADO

1

Ontem, senzala.  
Hoje, cortiço.  
Ontem, chibata.

Hoje, fuzil.

Ontem, Quilombos.  
Hoje, Sapé.

O latifúndio, companheiro,  
rói seu osso de Caim.

Coronel  
fuzil  
e ôlho

polícia  
pau  
e ferrôlho.

O latifundio, companheiro,  
mói as fezes de seu fim.

14

2

Do homem é a terra  
a terra e seus desertos  
e sôbre o campo se estende  
o corpo do homem  
— e a fome.

Cavei  
colhi  
perdi

Marido  
campos  
e filhos

pés de estrume  
mãos de estêrco  
somos todos, companheiros,  
humus e homens, amém.

3

Cantou o galo uma vez  
e Pedro foi de emboscada.

Se escurecia  
noite a dentro  
sôbre seu corpo  
jorrando sangue.

Cantou o galo outra vez  
e o filho sangrou-se à bala.

Menino-ovelha  
adubo verde,  
sangue fresco  
em plantação.

15

Ronda o galo a casa aberta  
de Pedro Teixeira morto.

Uma viúva e seus filhos  
se espreitam na madrugada  
que amanhece em sangue e brasa.

4

Vai a noite  
alta é

uma viúva em seu leito  
arde desejos de sangue.

— Mulher, porque morreu teu marido  
com o corpo ferido?

— Moço, morreu ferido pelo inimigo  
por que sabia do seu caminho.

— Mulher, porque feriram teu filho  
na estrada de teu marido?

— Moço, feriram o menino  
por que seguia o caminho  
que vamos todos seguindo.

Desce o dia  
longo é.

Uma viúva  
ouvindo a voz do marido:

“Vai mulher  
que a luta é”

desperta seus companheiros  
e sai com a alba pelos campos.

16

5

Tu és pedra  
Pedro Teixeira  
e sôbre ti levanto  
esta bandeira.

Tu és brasa  
Pedro Teixeira  
e sôbre ti já queima  
esta fogueira.

Tu és guerra  
Pedro Teixeira  
e sôbre ti cavamos  
a trincheira.

17

ALBERTO JOÃO

### IMPRESSÕES DE UMA CIDADE DO INTERIOR

Aos domingos  
há várias missas.  
Os homens bem colocados  
vão a tôdas elas  
e ficam à porta da igreja  
falando de bois.  
As mocinhas expõem suas roupas  
e movem os lábios  
observando as roupas  
das outras mocinhas.  
O padre ataca o espiritismo  
e o comunismo.  
Ninguém sabe o que isso é,  
mas o padre ensina.  
Na hora da elevação do santíssimo  
o irmão continua elevando  
a saquinha santinha  
pelas obras da matriz.  
A última moda é véu de nylon,  
tôdas usam.  
As velhas beatas ainda usam véus de crochet  
Atrasadonas.  
Terminou a missa,  
Deus está contente.  
Saem todos confortados, confessados, comungados,  
[limpos, completamente  
preparados  
para pecar.

### O SONHO DE MARIA

Quem sabe de Maria  
nos seus quinze anos?

Quem sabe de Maria  
que foi menina bonita  
que brincou de boneca  
e esperou Papai Noel?

Quem sabe de Maria  
que tinha os olhos tão verdes  
que foi primeira na escola  
e gostava de cantar  
cantigas de querer bem?

Quem sabe de Maria  
que também sonhou com fadas  
e reinos de ouro e prata?  
Quem sabe de Maria  
que amou seu namorado  
que era soldado do Exército?

Quem sabe de Maria  
que sonhava ser professôra mas foi trabalhar na fábrica  
de sabão?

Meu Deus  
quem sabe de Maria  
nos seus quinze anos?

Ah!  
ela queria um vestido bonito.

## LIBERDADE

Liberdade:  
Quero comer  
não há pão.  
Sinto frio  
não há roupa.  
Quero plantar  
não tenho chão.

Liberdade:  
Quero estudar  
não tenho escola.  
Quero viver  
não tenho saúde,  
não tenho feijão.

Liberdade:  
que liberdade?  
Da fome  
da dor  
da miséria  
da morte  
da humilhação?

Que liberdade?  
O que é então  
a escravidão?

CLÓVIS MOURA

## RÉQUIEM AMARGO

(Morte de James Dean)

Toulouse Lautrec em roxo  
desfila numa carreira  
que dilui o Moulin Rouge.  
O roxo corre e é vermelho  
— duzentas milhas horárias —  
vendo estrêlas que se esquivam  
do impacto que deixa ferros  
contorcidos como galhos.  
Um grito agudo percute  
batendo em tecnicolor  
no rítus do ator que morre.  
Na tela a vida tresanda  
enquanto agoniza em coma  
uma aquarela de carne  
cheia de drama e de mundo.  
Cine-drama, cine-carne,  
cine-morte, cine-mundo  
que corre por sôbre o corte  
da bôca cheia de pedras.  
Nascem ervas na alavanca  
que reteve o último arranco  
e ficou como cruz branca  
na agonia que foi rápida.

Um cronômetro marcava  
o fim trágico do filme  
e nas telas coloridas  
o riso de um môço em pranto  
interpreta como espelho  
a juventude que estanca.

— Um copo cheio de uísque,  
um blusão de côr berrante,  
um grito, um gesto inefável  
de dor de esgar e de pena,  
uma certa displicência  
correndo como se fôsse  
orvalho de céu noturno...  
Continuam pelos olhos  
numa reprise de vida  
que a morte, em marcha de prise,  
coagula sob escombros.

Toulouse Lautrec roda  
no roxo de um mundo em transe:  
um cabaré desfolhado  
em quentíssimo encarnado  
traz a música do rinqe  
onde blusões desbotados  
carregam os ombros da vida,  
carregam os ombros do trágico.  
Passa em côr de vinho e sangue,  
em alta velocidade,  
um sonho que se encontrava  
— como tantos — enlatado.  
E foge pela janela  
recebendo o vento e a morte  
na face desesperada.  
A juventude parada  
corria para uma estaca

de abismo e melancolia.  
Na morte encontrou seu drama  
seu papel tão procurado...  
e o "happy end" entre ferros  
de um motor esfacelado.  
Van Gogh no para-brisa  
de uma tela atormentada:  
roxo, vermelho, amarelo,  
universos desvairados.  
As côres se transmudavam  
em licor desesperado,  
em vinho que se espalhava  
no ar da velocidade,  
em vinho que virou sangue  
no fim da vida e da estrada.

Existência em gelatina  
hoje penetra as retinas  
de milhões desarvorados  
mostrando um jovem na posse  
de beijar a namorada  
e escutar dentro do peito  
o coração soluçando  
sob uma blusa encarnada.

#### PESADELO DE RECRUTA

Nos seus dentes as giletes  
coladas ao céu da boca  
cortavam estrelas de carne  
que nasciam na garganta.  
Porém, depois, deglutidas  
e transformadas em flôres  
foram reflorir nascentes  
onde a luz não repercute.  
O sangue (como do sangue  
sentimos os seus efeitos  
quando somos os soldados  
que se entornam nas batalhas)  
ficou solene no pano.  
(Pano grosso de mortalhas.)  
Ele procurava a pátria  
e no sangue um general  
jogava cinzas e sarro  
do seu charuto geral.  
Mas, o soldado que estava  
sem pernas no hospital  
fumava giletes quentes  
na amputação desigual.  
Os girassóis das batalhas  
(mais travadas nos jornais)  
condecoravam patentes:

militar e industrial.  
Todos desejam viver!  
Mas, no cômputo geral,  
a morte vem nas giletes  
que fazem a barba e o bigode  
do filho do general.  
No gelo do seu uísque  
há um pedaço ensangüentado  
de baioneta-calada  
cravada no céu da bôca  
de um poeta convocado.

Marcham soldados na estrada,  
soldados de papelão,  
enquanto a lua desposa  
o tiro que não darão.  
Muito rum para o soldado,  
uísque pro capitão,  
louras cervejas pro cabo  
(assim logo esquecerão).  
E o sangue fica na farda  
escorrendo em marcha fria  
do coração para o ocaso,  
como se fôsse o diagrama  
da vida em melancolia.

Na tela o cinematógrafo  
mostra o rescaldo dos corpos  
deitados na areia, em fila.  
Os carteiros perfilados  
batem nas portas fechadas:  
levam cartas enlutadas,  
iguais, solenes, vazias.

## NATAL DO PEQUENO BURGUES

(Fragmento)

— Se eu ganhar a propina que suponho  
não terei a angústia do Natal.  
Acenderei charutos com cruzeiros  
(uma vez por ano não faz mal)  
e a mulher do Chagas será minha  
enquanto êle vomita no quintal.

Cristandade.

FELIX DE ATHAYDE

AH!MÉRICA

América do Norte:  
América rapina.

América da morte:  
América Latina.

América do Norte:  
América que come.

América de carga:  
América que paga.

América do Norte:  
América do muito.

América do povo:  
América do pouco.

América do Norte:  
América do tudo.

América sugada:  
América do nada.

América do Norte:  
América padrão.

América do pobre:  
América sem pão.

América do Norte:  
América patrão.

América Latina:  
Começa a dizer NÃO.

### COME E DORME

O pobre lavra a terra  
(o seu dia é enorme)  
lavra a fome, a miséria:  
o rico come e dorme.

O pobre brita a pedra,  
(pedravida enorme)  
brita a fome, a miséria:  
o rico come e dorme.

O pobre amassa o pão.  
(a sua fome é enorme)  
Mas, quem que come o pão?  
O rico. Come e dorme.

Há fome no Brasil  
(a miséria é enorme)  
o pobre morre de fome:  
o rico come e dorme.

O rico faz a guerra  
(êsse lucro enorme)  
o pobre come bala:  
o rico come e dorme.

O pobre pede pão  
(êsse crime enorme)  
o rico dá cadeia:  
se benze, come e dorme.

O rico come e dorme.  
O rico dorme e come.  
Come a comida do pobre.  
O pobre dorme com fome.

A fome come o pobre  
porque a fome não dorme.  
O rico diz: foi Deus.  
Depois, come e dorme

o sono cristão: enorme.

FERREIRA GULLAR

## QUE FAZER?

Você que mora no alheio,  
que anda de lotação,  
que trabalha o dia inteiro  
pra enriquecer o patrão  
— que ainda espera dêsse mundo  
de injustiça e exploração?

Você que paga aluguel,  
que pagará tôda a vida  
a casa que não é sua,  
que pode a qualquer momento  
ser pôsto no olho da rua  
— que pode esperar da vida  
que deveria ser sua?

Que pode esperar da vida  
quem a compra à prestação?  
Quem não tem outra saída:  
— ser escravo ou ser ladrão?  
Que pode esperar da vida  
quem a recebe vendida  
por seu pai ao seu patrão?

Pro patrão você trabalha  
dia e noite sem parar.  
Você queima a sua vida

pra êle a vida gozar.  
Você gasta a sua vida  
pra dêle se prolongar.  
Você dá duro, padece,  
você se esgota, adocece,  
e quando, enfim, envelhece  
o que é ruim vai piorar.

Só então você percebe  
que tempo você perdeu.  
Você vê que sua vida  
foi dura mas não valeu.  
Você passou a seu filho  
o mundo que recebeu:  
o mundo injusto e sem brilho  
que, de fato, nem foi seu,  
que não será de seu filho  
se nêle não se acendeu  
o sentimento profundo  
que traz o homem pra luta  
— luta que fará o mundo  
ser dêle, ser meu, ser teu.

Por isso meu companheiro,  
que trabalha o dia inteiro  
pra enriquecer o patrão,  
te aponto um nôvo caminho  
para tua salvação,  
a salvação de teu filho  
e o filho de teu irmão:  
te aponto o caminho nôvo  
da nossa revolução.

Então verás que tua vida  
ganha nova dimensão,  
que em vez de triste e perdida

terá força e direção.  
E cada homem da rua  
verás como teu irmão  
que, sabendo ou não sabendo,  
procura a libertação.

Sentirás que o mar que bate  
na praia não bate em vão;  
que a flor que cresce no Méier  
não cresce no Méier em vão;  
que o passarinho que canta  
não canta pra teu patrão;  
que a grama verde que cresce  
empurra a revolução.

O mundo ganhou sentido,  
teu braço ganhou função.  
A revolução floresce  
na minha, na tua mão,  
que nada há mais que a detenha  
— nem polícia nem bloqueio  
nem bomba nem “Lacerdão” —  
que ela assobia no vento  
e marcha na multidão,  
ilumina o firmamento,  
gira na constelação

— porque já foi deflagrada  
no meu. no teu coração.

### A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia  
a palavra diarreia.  
Não pela palavra fria  
mas pelo que ela semeia.

Quem fala em flor não diz tudo,  
quem fala em dor diz demais.  
O poeta se torna mudo,  
sem as palavras reais.

No dicionário, a palavra  
é mera idéia abstrata:  
mais que palavra, diarreia  
é arma que fere e mata.

Que mata mais do que faca  
mais que bala de fuzil,  
homem, mulher e criança,  
no interior do Brasil.

Por exemplo, a diarreia,  
no Rio Grande do Norte,  
de cem crianças que nascem,  
setenta e seis leva à morte.

É como uma bomba H  
que explode dentro do homem  
quando se dispara, lenta,  
a espoleta da fome.

É uma bomba-relógio  
(o relógio é o coração)  
que enquanto o homem trabalha  
vai preparando a explosão.

Bomba colocada nêle  
muito antes dêle nascer;  
que quando a vida desperta  
nêle, começa a bater.

Bomba colocada nêle  
pelos séculos de fome  
e que explode em diarreia  
no corpo de quem não come.

Não é uma bomba limpa:  
é uma bomba suja e mansa  
que elimina sem barulho  
vários milhões de crianças.

Sobretudo no Nordeste  
mas não apenas ali:  
que a fome do Piauí  
se espalha de Leste a Oeste.

Cabe agora perguntar  
quem é que faz essa fome,  
quem foi que ligou a bomba  
ao coração dêsse homem.

Quem é que rouba a êsse homem  
o cereal que êle planta?  
Quem come o arroz que êle colhe  
se êle o colhe e não janta?

Quem faz café virar dólar  
e faz arroz virar fome  
é o mesmo que põe a bomba  
suja no corpo do homem.

Mas precisamos agora  
desarmar com nossas mãos  
a espoleta da fome  
que mata nossos irmãos.

Mas precisamos agora  
deter o sabotador  
que instala a bomba da fome  
dentro do trabalhador.

Mas precisamos agora  
trabalhar com segurança  
pra, dentro de cada homem,  
trocar a arma da fome  
pela arma da esperança.

#### FIGURAS

Figuras de gente pobre  
retirantes do Nordeste  
que mal se livram da noite  
que a mão do artista gravou

Figuras de gente viva  
retirantes do Nordeste  
que mal se livram da noite  
que o latifúndio criou

Figuras de nordestinos  
que se retiram da noite  
para mergulhar noutra noite  
(iluminada de anúncios)  
destas cidades do Sul

Mas já dentro dessa noite  
trabalha o sol de manhã  
já por debaixo da noite  
escutamos o rumor  
do dia que explodirá  
numa esplendente manhã.

#### TEMPO ESCURO

Mulher sentada e criança.  
Será de noite ou de tarde?  
Tanto faz, se a vida cansa  
de noite como de tarde.

Abandono, tempo escuro  
medido em fome e doença.  
Que vai salvar a criança  
dêsse mundo sem futuro?

O gravador mostra a noite  
cobrindo a feição do dia.  
O poeta recolhe o mote  
mas não canta, denuncia  
que a exploração do trabalho  
provoca fome e anemia,  
mata a mulher e seu filho,  
o homem e sua alegria.

O poeta convoca os homens  
a reconstruir o dia.

FRANCISCO JOSÉ DIAS PINTO

*(do C.P.C. do Rio de Janeiro)*

## INFERNO

"História comum dos heróicos irmãos que sobrevivem dentro dos seringais da grande Hiléia."

O Inferno começa ali.  
Inferno de mortandade,  
maleita, fome e patrão.  
Inferno de eterna dívida,  
que jamais se acabará,  
pois, se acaso morre o pai,  
o filho trabalhará.  
Em lugar nenhum do mundo,  
carne-sêca, chita e facão  
valeram tanto dinheiro  
e tamanha escravidão.  
É bem verdade que o padre  
alivia o sofrimento,  
prometendo em troca disto  
o céu, como pagamento.  
Ele diz que também sofre,  
mas sofre um pouco melhor.  
O duro é sofrer no mato,  
sem pão, conforto e remédio,  
sofrer cortando seringa,  
sendo chupado sem tédio,  
sofrer dando o sangue a vista  
pra dois grandes sugadores:  
mosquito e seringalista.

Sofrer sabendo que o filho  
vai crescer analfabeto,  
sofrer sabendo que o mesmo  
está reservado ao neto.  
Isso, para não citar  
os jagunços do patrão,  
sucuri, índio, enchente,  
govêrno, banco, fiscal,  
que nos tiram, secamente,  
o pouco que se ganhou  
suando no seringal.

De vez em quando o patrão  
manda chamar a Maria  
e faz uma preleção  
sôbre a tal democracia.  
Pergunta se eu tenho andado  
com história de comunismo,  
e diz em tom de ameaça  
que isto é beira de abismo.  
Depois que a Maria volta  
quase sempre traz presente,  
não pra mim, para a Joana  
que é mulher do Vicente.  
O coronel é bondoso  
com as espôsas da gente!  
Outro dia tomou conta  
do filho do Zé Pretinho,  
que por um estranho milagre  
nasceu lourinho, lourinho...  
Mas somente o mulherio  
tem direito a regalia:  
— homem nasceu pra sofrer! —  
e ninguém lhe contraria.  
O doutor que é da cidade  
não pode imaginar,

o que é ser miserável,  
viver morrendo de fome  
e morrer de trabalhar.  
Mas o pior de tudo isso  
é que a gente não tem tempo  
de assistir a Santa Missa  
como manda a religião,  
e se morrer de repente  
vai purgar todos pecados  
pela vida divertida  
no calor do Fogo Eterno.

E começa o outro Inferno...

GEIR CAMPOS



apenas penso  
no azul dessa manhã  
que os camponeses vão  
plantando sem rumor  
e os operários vão  
regando com suor  
e os estudantes vão  
lembrando ao professor  
e todo mundo vai  
aprendendo de cor  
— motivo de canção  
em sol natural maior.  
Dizem que está por vir  
o arrebol

dêsse dia  
(rataplan)  
sem poesia!

#### LEMBRETE A UM POETA NEUTRO

Conformas o teu cantar  
conforme a situação,  
embora a regatear  
o “sim” do diapasão  
(ou por te desentoar  
tão grave contrafação  
ou por mais valorizar  
a nota do teu bordão)  
primas em tanto calar  
um cacofônico “não”  
pois teu papel é negar  
a mínima negação  
— qualquer “não” particular  
mesmo em tempo de canção  
capaz de reverberar  
em vozes da multidão

cansada de concordar  
sem voto nesse orfeão:  
seria um “não” feito um ar  
de aviso à rebelião  
a pique de perturbar  
a mansidão do mandão  
que só te manda apagar  
o verso quebrado em “não”  
e o “sim” nem chega a cobrar  
por falta de precisão.  
Assim, calhandra a glosar  
a própria alienação,  
órfão de selva e de mar,  
comendo alpiste na mão  
de quem te faz saltitar  
entre cristais de salão,  
alheio a tempo e a lugar  
formas

a tua canção.

#### RITMO QUADRICULAR

Camarão que se aconselha  
com quem não sabe ensinar,  
pensa que a aurora vermelha  
vai pegar fogo no mar.

\* \* \*

Vejo a bomba num retrato  
— a que arrasou Hiroxima:  
promessa de um ôvo abstrato  
sem nenhum pássaro em cima.

\* \* \*

A Lua, do nosso lado,  
mostra o milagre em ação:  
São Jorge é o povo explorado,  
o explorador é o dragão.

HEITOR SALDANHA

## A MORTE DO TOCADOR DE CARRO

O grito estancou o silêncio.  
Mas, que!  
As comportas são roxas  
quando nos sangram as unhas.  
Escuta,  
escuta que ainda se ouve  
vir de longe o carro dêle  
rolando como um trovão  
lá bem no fundo da mina.  
Também,  
o carvão escuro,  
também, galeria escura,  
vida escura,  
tudo escuro,  
como é que um homem há - de?  
Como é que um homem não há - de  
morrer esmagado ao carro  
companheiro há tantos anos?  
Escuta,  
escuta que ainda se ouve  
o subir do carro dêle  
rolando como um trovão  
pela galeria escura.  
Rolando como um trovão.  
O tempo está carregado.

Façam luz nas galerias,  
façam luz que eu vou chamar:  
te levanta, Severiano!  
Severiano!

Vamos rachar as comportas,  
tu com teu grito de dor,  
eu só tenho a dor do verso,  
mas são armas parecidas.

## PAISAGEM DURA E ESPERA

Frio  
frio amplo e agreste na colina da mina.  
O olhar vê através do frio  
sua própria transparência.

Os mineiros do carvão  
alpargatas gasta e sua,  
avançam o terno,  
cruzam a superfície.

### MADRUGADA.

Fundo de poço à espera  
palpitando firme.  
Fundo de poço à espera.

E enquanto no centro dos países  
os homens de bem  
discutem o destino dos países;  
enquanto no centro dos países  
os homens de bem  
discutem os destinos do mundo  
os homens de bem  
discutem teologia;

enquanto os homens de bem discutem;  
enquanto os homens discutem  
e afirmam a inequívoca presença de Deus,  
os simples trabalham simplesmente  
sem destino,  
sem Deus,  
sem metafísica.

### CANTO ABRANGENTE

Cai uma chuva clamorosa  
que entretanto não vês  
e que não ouço  
mas apenas sinto  
porque a poesia não quer ser eterna  
apenas o momento

se eterniza.

Cai uma chuva clamorosa  
chuva abrangente que o amor revive.

Cai uma chuva clamorosa  
e êrma

se entretanto chove.

É que a memória ressuscita os mortos  
e dá à vida uma medida exata.  
Parada-e-Meia vai cantar comigo,  
transposto agora  
no seu clima gris.

E Valdomiro já venceu três ternos,  
chegou no rancho vai comer com gôsto  
uma comida que venceu com sangue.

Não chove mais.  
Não chove mais.  
E se chover que chova.  
Só pra lavar tanta tristeza e mêdo  
tanta miséria que emporcalha a vida.

Poesia é outra,  
e êles são tanto que já são poesia;  
ou sempre foram material de festa,  
alegoria de podridos gênios  
que se resultam de recalques mórbidos  
num alarido que perturba o sonho.  
Mas a medida material resiste.  
A virulência cancerosa perde  
todo o efeito quando um poeta canta.

Cantaremos!  
Parada-e-Meia vai cantar comigo.

O material se gasta no trabalho.  
Se o homem desgastou foi claro exemplo.  
Uma flor nasce, vive e apodrece;  
mas a semente se transforma em canto,  
a terra é verde no momento exato,  
e êsse canto de abrangência emerge,  
alastra e cria condições de alarme.  
Alastra e vinga a solidão do fruto.  
Êles são tanto que já são poesia.

De Severiano nos chegou notícia,  
uma notícia que perturba o sono  
dos que sonhando com jardins privados  
não esperavam despertar sentindo  
punhos cerrados a golpear as portas.  
Porta sedição, cederá ao impulso  
do elemento que na luta veio  
criou raízes e cansou da espera.

Cantaremos!

Os novos poemas não serão fronteiras,  
mas serão ventres para novos filhos  
e êsses filhos não serão bastardos  
sem heroísmo a simular combates,  
e nem serão os químicos do pranto  
a dissecar a lágrima em seu curso.  
O horizonte concentrou-se rubro  
e dos escombros vai nascer a aurora.  
Cantaremos!

HOMERO HOMEM

## SÓBRE O TEMPO E AS TROCAS

Nesse fluir secular  
de Deve & Haver & Trocas  
de Regime & de Matrocas  
o Tempo manteve as trocas:

Coronel pisa a cavalo  
beradeiro pisa a pé  
coronel troca cavalo  
de sela por chevrolé  
beradeiro troca apenas  
de apelido: Flagelado  
Pau-de-arara ou Esmoler.

Coronel hoje viaja  
de jato à Neo Capital  
vai cavar a moratória  
para enterrar no sisal.

Retirante também voa.  
Pra São Paulo. Voa a pé  
no Fenemê da desgraça  
quando não pega transporte  
de rêde e nela se enterra

— carne pouca para a terra  
que (se dá) tem de comer.

Isso na sêca. Se chove  
coronel monta a cavalo  
pega o trem vai à cidade  
vende safra salda débito  
distrain-se com mulher dama  
assunta sôbre eleição  
renova de uma penada  
o guarda-roupa da filha  
e a frota de caminhão.

No País do Corcovado  
pau-de-arara larga tudo  
retorna todo animado  
visita a povoação  
manda acender uma vela  
a São José do Lagedo  
que no Rio o protegeu  
de certa complicação.  
Na moita muito em segrêdo  
chega a tratar com donzela  
para casar no São João.

(Isso se chove. Se não  
vende o burrinho de sela  
para comprar a passagem  
de volta no caminhão).

Em resumo, Presidente  
no País do Retirante  
até menino de peito  
na festa da aleitação  
sabe cantar esta gesta  
mais triste como sofrida  
que a de Oliveiro e Rolão:

Quando o açude cai a zero  
e o corisco não rebenta  
o azul do céu a trovão  
— pedinte de porta em porta  
o Nordeste se transporta  
para o Sul desta Nação  
montado nas quatro bêstas  
do Apocalipse de João.

#### CARTILHA DO PAÍS DO NÃO CHOVE

No País do Não Chove  
se perde a fruta verde  
e a madura.

Nesse País se explora o que semeia  
também se mata aquele que reclama.

Enquanto por miséria em meu País  
milhões de bons irmãos chamados párias  
se perdem por não ter e não saber,  
prospera em meu País a frutilândia  
de uns poucos que acumulam safra & cifra  
sem deixar ao irmão nem mesmo a cica  
da banana nanica e a mexerica  
que o pobre diz que é boa de comer.

Em meu País de frutos monstruosos  
tanto se elege o dono da lavoura  
como se poupa o feudo que o sustenta.

Por isso em meu País de analfabetos,  
de Ligas camponesas e “currais”,  
outubro é o mês do voto proibido  
aos que soletram fome e não vogais.

J. J. PAES LOUREIRO

(do C.P.C. de Belém)

CANTO ANGUSTIADO AOS PLANTADORES  
DE CANA

Plantador de cana verde  
das terras de Abaetetuba,  
por que só tu quem trabalha,  
por que teu filho não estuda?  
Plantador de cana verde  
das terras de Abaetetuba?

Teus braços plantam doçuras  
colhem braçadas de dor.  
O sol que te cresta a pele  
doura a praia do senhor.  
Teus braços plantam doçuras  
colhem braçadas de dor.

Tuas mãos acendem esperanças  
de um certo verde esplendor.  
É um verde mar que propagas,  
um doce mar, Plantador.  
Tuas mãos acendem doçuras  
de um certo verde esplendor.

Não vês, porém, que esta cana  
é cano cruel que aponta  
o lucro de teu patrão

para teu lar que não janta?  
Não vês, porém, que esta cana  
é cano cruel que aponta?

Acaso foste a uma escola  
que teu patrão te mandasse?  
Acaso teu filho estuda  
na escola que não estudaste?  
Acaso foste a uma escola  
que teu patrão te mandasse?

Teu filho acaso não nasce  
como nasce o do patrão?  
Por que só o dêle é doutor  
e o teu não tem instrução?  
Teu filho acaso não nasce  
como nasce o do patrão?

Não há ninguém que nascesse  
para aprender, outros não...  
Teu filho merece escola  
como o filho do patrão.  
Não há ninguém que nascesse  
para aprender, outros não...

Trabalhas luas e sóis  
vai teu patrão ao Senado  
votar as leis que te fazem  
viver mais escravizado!  
Trabalhas luas e sóis  
vai teu patrão ao Senado.

Quantos filhos já tiveste?  
Quantos dêles já morreram?  
Uma cruz de cana verde  
foi o quanto que tiveram.  
Quantos filhos já tiveste?  
Quantos dêles já morreram?

Quantos filhos na moenda  
perderam o braço e a infância  
que plantar cana e moê-la  
é seu brinquedo e folgança?  
Quantos filhos na moenda  
perderam o braço e a infância?

Deu-lhe o patrão outro braço?  
Deu-lhe o patrão outra infância?  
Em vez de matar no pólen  
a sua flor de esperança?  
Deu-lhe o patrão outro braço?  
Deu-lhe o patrão outra infância?

Não deu porque de teu filho  
só quer a mão que trabalha.  
A mente que pensa e cria  
envolve em metal mortalha.  
Não deu porque de teu filho  
só quer a mão que trabalha.

Só quer que a sua cartilha  
seja a da cana cortada.  
Mas esta cana arrebenta  
os sulcos de tua alvorada.  
Só quer que a sua cartilha  
seja a da cana cortada.

Que verde alvorada verde  
há-de brotar de tua mão,  
plantador de cana verde  
ao som da voz: hoje não!  
Que verde alvorada verde  
há-de brotar de tua mão.

Teus braços farão rolar  
os canaviais da injustiça,  
pondo final nesta infâmia,  
pondo final nesta liça.  
Teus braços farão rolar  
os canaviais da injustiça.

Então vais viver decente  
da cana que tu plantaste.  
Então vais comer o açúcar  
da cana que tu plantaste.  
Então vais vestir a roupa  
da cana que tu plantaste.  
Então vais tomar remédio  
da cana que tu plantaste.  
Então vais jantar a carne  
da cana que tu plantaste.  
Então educar teu filho  
da cana que tu plantaste.  
Então vais plantar tua casa  
da cana que tu plantaste.  
Então vais morrer como homem  
da cana que tu plantaste.

Plantador da cana verde  
das terras de Abaetetuba,  
a liberdade é mais doce  
que a cana nova e polpuda!  
Plantador de cana verde  
das terras de Abaetetuba!

JOAQUIM CARDOZO

### O RETIRANTE

(Fragmento do "bumba-meu-boi" intitulado "O coronel de Macambira", e que em breve será publicado na íntegra, e em livro separado)

Entra pela esquerda um retirante: é figura andrajosa, feita de sombra e de terra, trazendo às costas um mutirão invisível; caminha sempre se voltando para os lados como se estivesse acompanhado de sua família: mulher e filhos que estão mortos há muito tempo; êle mesmo é uma figura intemporal, uma figura constituída de gestos, tôda em mímica, a contar uma vida passada e infeliz: chegando a certo ponto da cena, fica a andar sem sair do lugar.

O RETIRANTE:

Não tenho pátria, nem glória  
Embora — sinal da fome —  
Nas páginas sêcas da história  
Haja o meu nome e renome.

Mateus, Bastião e Catirina entrando outra vez em cena, encontraram o retirante e a êle se dirigem

MATEUS:

Como é que vens acabado  
Velho amigo, meu irmão  
Há tanto tempo largado  
Pelas sendas do sertão.

RETIRANTE:

Sou, de acabado, tão pouco...  
A pouco estou reduzido,  
Ouve cantar galo rouco  
Meu coração comovido...  
(pausa)

RETIRANTE (*continuando*):

Sou uma sombra sem corpo,  
Sou um rosto sem pessoa,  
Um vento sem ar soprando,  
Sem som, um canto, uma lôa.

Nem as palavras definem  
O meu tão grande vazio  
Todo o gesto que me exprime  
Todo o meu gesto é baldio

Todo o ardor que em mim renasce  
Se extingue com um assovio  
Em mim não há claridades  
Sou, apagado, um pavio.

O tecido que me veste  
Não tem trama, nem cadeia,  
Meus passos são muito leves  
Não deixam marca na areia

Meu andar é curto e breve  
Mas contém a vastidão  
Como é leve o que me pesa  
Meu ausente matulão.

Perto vou, mas vou por longe  
Vou junto, mas vou sòzinho  
Em sombra: burel de monge  
Caminho meu descaminho

O retirante, parando de andar, finge que põe no chão o matulão de onde tira uma rêde invisível, passa as cordas pelos punhos da rêde, amarra uma delas num esteio também imaginário, experimenta-a, puxando-a, mede com a vista a altura em que deve ficar a rêde e amarra a outra corda em outro esteio um pouco afastado, experimenta também, aqui, o punho e a corda para ver se estão firmes, para endurecer o nó, desembaraça as varandas, e experimenta a rêde depois de armada; enfim nela se senta escanchado, faz um sinal e finge que apanha um dos filhos pequenos e o põe ao colo, faz outro sinal como que apanhando um segundo filho, demora alguns instantes sentado; depois torna a colocar os meninos no chão, levanta-se e vai aos poucos desarmando a rêde, dobra-a e mete-a novamente no matulão; suspendendo êste último atira-o às costas e continua a andar sem sair do lugar, fazendo gestos para a mulher e os filhos.

MATEUS:

Quanto há daqui saíste!  
Quanto tempo demoraste!  
Agora amigo me conte  
Me diga, por onde andaste?

RETIRANTE:

Há muitos anos daqui  
Passei na Pedra Bonita  
E assisti uns homens santos  
Procurando o desencanto

De el-rei Dom Sebastião:  
Sangue manso de meninos  
Sôbre a pedra derramavam,  
Pois assim conseguiriam  
Do rei a ressurreição  
Que a todos enfim traria  
Para sempre a salvação.  
O sangue dêsses meninos  
Em sangue se tornaria  
Daquele bom soberano  
De tão puro coração!

(pausa)

Ceguei a ver, sim, eu vi...  
Vi sôbre o espelho da pedra,  
Em linhas vagas, incertas  
O seu rosto que surgia.  
Vi as suas mãos tão brancas  
Aparecendo. Mas, ah!  
Nas horas daquele dia  
O sangue não foi bastante  
E logo foram sumindo  
As linhas do seu semblante.  
Nas águas duras da pedra  
Afundaram as feições  
Do seu rosto triste, exangue.

MATEUS:

E teus filhos pequeninos  
Também tiveram o seu sangue  
Derramado?

RETIRANTE (*surprêso*):

Sim, tiveram...  
No do rei voltará um dia

BASTIÃO:

E o teu, o teu, porque não deste?

RETIRANTE:

O meu? Ah! Não serviria.

(pausa)

O RETIRANTE

(*continua a contar*):

Muitos anos se passaram . . .  
E havia tristeza em tudo,  
Quando fui dêsse deserto  
Pelos grandes descampados  
Seguindo roteiro certo,  
Na direção de Canudos,  
Quando fui pelos sertões  
Para ouvir as pregações  
De Antônio Conselheiro

Quando no arraial entrei  
Era dia de Sant'Ana,  
Na nova igreja rezei  
Na guerra injusta lutei  
Por tôdas as desventuras  
Que em minha vida encontrei.

O retirante sai agora caminhando em tórno da cena, fazendo um círculo, até voltar ao mesmo lugar; enquanto êle caminha dêste modo, as cantadeiras cantam:

Fui, fui, fui  
Em fuga fui, fugindo fui.

Cocorobó  
Patamoté  
Massacará  
Geremoabo.

Fui, fui, fui  
Em fuga fugindo fui.

Vasabarris  
Aracati  
Itapirucu  
Jacurici.

Fui, fui, fui  
Em fuga fui, fugindo fui.

O RETIRANTE

(*agora novamente no mesmo lugar*):

Volvi com o rosto marcado  
De duas marcas de chama:  
— Duas vivas queimaduras.

MATEUS:

De que fogo, de que brasa  
Duas vêzes te queimaste:  
— Calor de campina rasa?  
— Dor aguda que apanhaste?

RETIRANTE:

Da primeira foi a sêde  
A chama em que me queimei  
Na segunda sinto o ardor  
Do amor divino e do rei

RETIRANTE:

*(depois de um instante calado):*

Muitos anos se passaram  
E todos êles passei  
Em provações desiguais,  
Mas, encontrei no caminho  
Alguns amigos leais:  
Meu padrinho padre Cícero  
No Crato e no Juazeiro.  
O bacharei Santa Cruz  
Na Alagôa do Monteiro,  
E o coronel Zé Pereira  
Na cidade de Princesa

(pausa)

Agora não tenho pouso.  
Guardei minha cartucheira,  
Guardei meu chapéu de couro,  
Meu rifle deixei de lado:  
Rifle do papo amarelo  
Que sempre foi meu tesouro.

Guardei tudo e fui me embora;  
Conheci terras de Minas,  
Longes terras de Goiás  
Percorri todo o São Paulo  
Andei nos campos gerais;  
Vi Salvador da Bahia  
Seu grande presepe armar  
E vi dos morros de Olinda  
A pavonada do mar

(pausa)

Agora, também amigo  
Tenho que ir. Já é hora,  
Chamando estão os caminhos  
Meu destino é caminhar.  
Adeus...Adeus...Vou-me embora.

*(vai caminhando para sair)*

MATEUS:

Quando outra vez, meu irmão,  
Por aqui hás de passar?

RETIRANTE

*(já ao sair, se volta e diz):*

Quando D. Sebastião  
Voltar.  
(baixa a cabeça e acrescenta)  
E flôres singelas  
Nasceram ao seu olhar  
(sai)

*(Ressoa logo depois, estereofonicamente, com a sonoridade característica de um eco, por todo o recinto do espetáculo:*

Quando os senhores da vida  
Abrindo as suas janelas  
Virem marchar os mucambos  
Virem descer as favelas).

JOSÉ CARLOS CAPINAN

*(do C.P.C. de Salvador)*

## POEMA INTENCIONAL

Há em cada substância a sua negativa  
e a possibilidade de processo.

processo inexorável a ir ao fim  
meta a ser de pão e flôres

e a rosa será uma outra rosa  
e nós já não seremos

vejo nos olhos tristes de maria  
um filho possível

vejo na árvore antiga do parque  
uma cadeira, uma muleta, mas sobretudo um ariete

descubro na bôca angustiada  
o hino pronto e pesado

é inevitável o acontecimento  
mas procuro ser um elemento

carrego em mim a utilidade  
sei que posso dar existência

e na minha total renúncia  
utilizo-me para um bem maior

tenho que colher a rosa  
e transformá-la

tenho que possuir maria  
e dar-lhe um filho

tenho que transformar a árvore do parque  
em cadeira, em muleta, mas sobretudo em ariete.

## O REBANHO E O HOMEM

O rebanho trafega com tranqüilidade o caminho  
é sempre uma surpresa ao rebanho que êle chegue  
ao campo ou ao matadouro  
nenhuma raiva  
nenhuma esperança o rebanho leva  
pouco importa que a flor sucumba aos cascos  
ou ainda que sobreviva  
nenhuma pergunta o rebanho não diz  
até na sede êle é tranqüilo  
até na guerra êle é mudo  
o rebanho não pronuncia  
usa a luz mas nunca explica a sua falta  
usa o alimento sem nunca se perguntar  
sôbre o rebanho o sexo  
que êle nunca explicara  
e as fêmeas cobertas  
recebem a fecundidade sem admiração  
a morte êle desconhece e a sua vida  
no rebanho não há companheiros  
há cada corpo em si sem lucidez alguma

o rebanho não vê a cara dos homens  
aceita o caminho e vai escorrendo  
num andar pesado sôbre os campos.

## POEMA SUBVERSIVO

Somos vários caminhando convictos  
e sem desespêro para tomar a cidade  
somos muitos terrivelmente  
e na nossa passagem, sombria e determinada  
outros aceitam ir conosco  
então cantemos, pois sofremos a mesma rota  
e a mesma revolta nos constrói a cada um  
e a cada um o caminho é difícil  
mentindo muitas vêzes à nossa compreensão  
sei, está longe a cidade com as suas luzes  
seus homens que voltam do plantio  
não se lamentam, não se suicidam  
a noite na cidade é tranqüila  
e a concepção praticada não é temerosa  
e nós, que vamos tomar o barco,  
parecemos estranhos quando em verdade nos  
[conhecemos

amiga, é longo o caminho que leva ao mar  
e há que mostrar o itinerário  
como há que depois conquistá-lo

erguida ante o vale, superaremos a montanha  
o tempo gasto e o deus antigo que não pôde ser homem  
não vão conosco  
a nova fé é nossa, como o dia de sol  
como a rosa, o pássaro de volta  
nossa fôrça os do outro lado já perceberam  
e negociam uma solução  
não, não há mais tempo para vender história.  
Como a fome, a rosa, o pássaro de volta  
também a solução é nossa.

Subversiva marcha, subversiva angústia  
subversiva a mão, a minha mão  
a mão dos homens de minha época

minha grande geração subversiva  
subversão, subversiva a flor  
arrebetada muda sôbre mural de sangue  
subversiva música  
subversivo discurso, subversivo  
recado das águas em volta dos marinheiros  
homem, mundo, adultérios, compromissos  
gritos, suicídios  
poema subversivo

mas estou calado, estou no meu papel  
entre os homens de objetivos coincidentes  
não quero falar contra os homens  
não quero argumentar, é esta a minha dor  
a dor comum, a dor de todos  
a dor de minha época da qual não fujo  
(como coisa quero servir a uma finalidade)  
e recebo entre êles suas palavras  
palavras duras, palavras amargas  
palavras concretas que não concedem, afirmam e

[intimidam  
de repente sabemos que o mar é inevitável  
embora se negue, embora tarde  
amiga... amiga... amiga... é também esta a minha  
[alegria

pratico esta alegria de ser homem  
e estar entre êles como um camarada  
que vai para a mesma morte  
que vai ao mesmo lado  
que vai tomar o mesmo barco  
ou, apenas, possibilitar a viagem.

## SILHUETAS

Tombou o primeiro  
o sangue desenhou uma rosa  
no macacão azul

outros vieram  
trazendo bandeiras  
caíram  
mantendo-as de pé  
enfiaadas nos buracos do peito arrombado

veio tarde e madrugada  
nada parou o homem

agora  
conto as silhuetas  
as de sangue no asfalto  
dos que caíram

o hino está nas fábricas  
nas escolas  
nos olhos dos camponeses

a mulher está em casa  
ninando e esperando pão.

LUIZ PAIVA DE CASTRO

## CANTO BURGUEËS PARA MARYLIN MONROE

Calendário, sabonete, dentifrício, peça íntima  
de mulher, anúncio luminoso,  
marcação que faz para o desejo comum  
não se evadir do palco onde as coisas são compradas  
e vendidas,  
onde as galinhas são vendidas separadamente,  
sem qualquer noção íntima de ôvo e galinha,  
foi nesta terra onde não há museus,  
onde se fazem palácios de lantejoulas e papel,  
que deram corda na tua máquina,  
Marylin Monroe,  
armada com a propriação das engrenagens infantis  
que se instalaram nos teus tímidos subúrbios,  
e ficaste exposta para as comemorações dos sábados,  
e precisavas chover o anúncio da mulher colorida,  
calendário, sabonete, dentifrício, peça íntima  
de mulher, anúncio luminoso,  
porque tinhas uma presença nas coisas  
que era incêndio e maresia.

E te conhecemos então,  
Marylin Monroe,  
aonde não estavas, e participamos  
do jôgo, e contribuimos nos cinemas,  
nos jornais, nas cartas que te escrevíamos,

para conter as águas simples de teus rios em cântaros  
[de prata,  
para esconder o mecanismo de teus gestos em pássaros  
[de palha.

Assim, aonde estavas,  
Marylin Monroe,  
quando o subúrbio, o estupro, o mêdo, a fome,  
à noite perturbavam o esquema do castelo?  
Aonde estávamos nós que denunciávamos teus encontros  
furtivos com os símbolos noturnos,  
e te queríamos bela, farta, sexy  
que te perdoávamos tudo menos o passado  
porque fôra ali que teu relógio caíra no mar,  
e parara o tempo e a vida,  
e é preciso o passado para o tempo, para a vida, para  
[o mar.

Como seria tudo fácil se disséssemos bom-dia,  
Marylin Monroe,  
e te levássemos a passear pelas avenidas,  
e pudesses sentar à tarde como se senta à beira do cais,  
como seria tudo fácil se fôsse tudo fácil,  
Marylin Monroe,  
aqui aonde estávamos escondidos de nós mesmos,  
aonde compramos e vendemos  
sorrisos, casamentos, bilhetes de trem, prostitutas,  
galinhas, sapatos, edifícios,  
aonde vivemos rigorosamente para a posse definitiva do  
[apartamento  
e a perda das chaves que abrem as bolas de gás,  
aqui aonde estamos porque não te entendemos,  
Marylin Monroe,  
não te podemos entender na última rebelião de não ser  
[mercadoria,  
nós que compramos e vendemos  
o amor.

## LUMUMBA NASCE NO CONGO

Dá-se um nome também a um menino quando êle nasce  
[no Congo,  
quase sempre para morrer, apesar do rio e apesar do sol.  
Se êste menino não morre,  
dá-se um nom a êste menino para que êle possa caçar  
[como o pai.  
E o menino recebe o arco, e a flexa, e o arpão.  
O menino pode caçar ou ser caçado nas minas de urânio,  
ou ser também caça quando leva os fardos para os  
[brancos.  
Dá-se um nome também a um menino quando êle  
[nasce no Congo,  
quase sempre para ser chamado simplesmente de negro,  
como se não tivesse nome,  
como se tudo fôsse a mesma noite, como se tôdas as  
[epidermes fôssem apenas um pasto,  
como se o tigre caçador de homens fôsse o definitivo  
[litoral da aldeia.  
Dá-se um nome também a um menino quando êle  
[nasce no Congo,  
e se êste menino não morre,  
e se êste menino não caça senão o necessário diálogo  
[com o alimento,  
e se êste menino não deixa as minas de urânio sem  
[antes retirar do minério  
a construção do sol que há no espaço do minério,  
e se êste menino nunca levar os fardos para os  
[brancos,  
e se êste menino já tiver livrado a aldeia do tigre  
[caçador de homens,  
que fará êste menino?  
Quem será êste menino?  
Dá-se o nome de Lumumba a um menino quando êle  
[nasce no Congo,

e é a planta, o ar, o rio, o bicho, o céu,  
e é a possibilidade da aldeia se fazer cidade,  
e é a chave de tôdas as portas que querem ficar  
[abertas,  
e é a alavanca da usina que será construída,  
e é a dragagem dos canais, e é a plantação de milho,  
e é a fábrica, a escola, o poste, o gás,  
e é um jeito de olhar as coisas que estão nas coisas,  
e é um jeito de olhar o sol que está no mar,  
e é um jeito de olhar a lua que está no sol,  
e por isso pode fazer os poemas que seu povo precisa,  
e porque não se deixa caçar nas minas de urânio,  
e porque êste menino nunca levou os fardos para os  
[brancos,  
êste menino conquistou o respeito de seu povo,  
e quando êle fala, seu povo escuta,  
e aprende que o tigre caçador de homens é um problema  
[muito simples,  
que o tigre caçador de homens não é o litoral da aldeia,  
e aprende que o litoral da aldeia é o homem caçador  
[de homens,  
branco e predisposto às raças,  
e quando êle fala seu povo lembra que êle matou o  
[tigre caçador de homens,  
e seria muito bom se êle matasse agora o homem  
[caçador de homens.

## MÊDO BURGUEÊS

Estão perguntando se tens dinheiro  
no bôlso. Tens. O dinheiro  
está sujo mas a farmácia vende gaze  
que não serve para o grito. O que serve  
para o grito? O beijo não serve  
para o grito. Não afoga o grito.

É preciso afogar, tirar o bom contacto  
do grito com os instrumentos elétricos,  
salvar o grito de sua possibilidade,  
torná-lo úmido, retórico, companheiro  
da televisão. É preciso televisionar  
o grito. Nada pode acontecer.  
A árvore está assim. Que não vente.  
Aumente sem grito o preço do feijão.  
Por aqui, senhor. Pode jogar o leite no rio.  
É preciso atravessar na faixa.  
É preciso fazer o povo atravessar na faixa.  
Sem grito.

Confidencialmente,  
para o burguês,  
é preciso que não se grite,  
não se grite,  
nunca se grite,  
porque a fábrica parece um gato.

MOACYR FELIX

## NA PORTA DA REFORMA AGRÁRIA

O CAMPONÊS:

“De que adianta lavar  
se a nossa mão não alcança  
a fruta por nós suada?  
Melhor então é plantar  
palavras de derrubada.

O campo é triste, seu môço,  
como o vasto cemitério  
de todo o verde da vida.  
Que vale ter pele e osso  
se a mais nada o corpo abriga?

Se ao derredor a miséria  
vai roendo tempo e gente  
e, sem dentes, nossa bôca  
só mastiga a dor aérea  
da nossa fome sem roupa?

Vocês falam em dar terra  
para o lavrador sem nada;  
terra assim é sepultura,  
é falsa paz sôbre a guerra  
que vocês farão mais dura.

Que vocês farão mais dura  
pois depois de têmos tido  
o que é dado só fingido,  
vão querer a rapadura  
de nosso mel derretido,

vão comprar por dois vinténs  
a terra sem seu vestido  
de colheita e de fartura,  
e inda vão dizer também  
que isto é ajuda a nossa agrura...

No mundo onde ser é ter,  
poder é igual a dinheiro:  
o rico é que compra o boi  
e a coisa e o homem e a mulher,  
o que será e o que foi.

Quero a terra pro trabalho  
que arranca do chão a beleza,  
e ao homem dá a grandeza  
de ser a alma do orvalho  
que alvorece a natureza.

Quero a terra que liberta  
a vida prêsa no tempo  
de um homem a outro explorar.  
Eu quero a certeza certa  
de ver a vida bailar!

Por isso a reforma agrária  
não é só terras me dar:  
é terra, sim, mas desperta  
pela voz da maquinária  
transformando-a em fruta aberta.”

A RESPOSTA:

"Vai, pobre, para o abandono  
na terra que eu comprei caro  
do senhor latifundiário,  
cujo *direito* de dono  
deixou limpo o nosso erário..."

Não posso dar-lhe a quantia  
que a êle dei aos montões.  
Agora fica você  
enterrado sôbre o dia  
como ontem, e sem poder.

Sem poder erguer sua casa  
vendo a estrada como veia  
pro que é da plantação;  
sem ter um sonho com asa  
ou seu próprio caminhão.

Arados? Não lhe dou não.  
Adubos? Ora, pra que?  
Se a você nem dou sementes  
com a fôrça que pede o chão  
quando a mão dos homens sente.

Vai, pobre, para o abandono  
na terra que eu comprei caro  
do senhor latifundiário,  
cujo direito de dono  
deixou limpo o nosso erário."

O CAMPONÊS:

"Não há de ser nada não.  
Dê-me a terra assim mesmo:  
eu já estou acostumado  
a abrir o mato a facão.

Vou cortar o meu roçado  
e ligar-me irmão a irmão  
até ligar-me ao operário  
que faz história com a mão.  
E juntos lhe mostraremos  
a flor da revolução  
desabrochando nos campos  
arado, estrada e canção!"

### LADAINHA

Ellisabeth é puta  
Madeleine é puta  
Maria dos Anjos é puta

O verbo ter é o verme do mundo

Van Gogh ficou louco  
Hoelderlin ficou louco  
Zé da Silva ficou louco

O verbo ter é a prisão do homem

Maiakovski se matou  
Garcia Lorca foi assassinado  
Cristo morreu na cruz  
Antônio morreu na guerra  
Tião Pedreira, na polícia

O verbo ter é a morte de Deus

O Mundo está podre

O verbo ter é o verme do mundo

O Homem está prêso

O verbo ter é a prisão do homem

Deus está morto

O verbo ter é a morte de Deus

Tem gente com fome

Deus está morto

Tem gente com frio

Deus está morto

Tem gente com sede

Deus está morto

A noite é longa como um grito

O Homem está prêso

A noite é longa como o desespero

O Homem está prêso

A noite é longa como o ódio

O Homem está prêso

O dia é deserto como o lobo na estepe

O Mundo está podre

O dia é pesado como um túmulo antigo

O Mundo está podre

O dia é alegre como um copo que quebra

O Mundo está podre

Alugam-se! médicos

advogados

e arquitetos

Tem gente com fome

Tem gente com frio

Tem gente com sede

Alugam-se!poetas

e bençãos sacerdotais

A noite é longa

A noite é longa

A noite é longa

Alugam-se! môças para casar

amizades

e boas maneiras

O dia é deserto como o lobo na estepe

pesado como um túmulo antigo

alegre como um copo que quebra

ORAÇÃO

O Mundo está podre

O Homem está prêso

Deus está morto

O Mundo é eterno

e as manhãs do mundo vencerão a treva

O Homem é eterno

e a liberdade será o coração dos homens

O Amor é eterno

e a orquestração da vida pairará sôbre as águas  
*per omnia secula seculorum* Amen.

### AS MARGENS DÊSTE RIO CANTAREI...

As margens dêste rio cantarei altamente  
tôda coisa e todo homem. De pé, dos altos montes  
onde a vida é desnuda e o sangue não pergunta,  
eu cravarei nos ossos do meu tempo  
o pesadíssimo lamento  
das coisas e dos homens.

Às margens dêste rio, vestirei o silêncio  
que os troncos madurece e devagar transforma  
em sólida estrutura o que nem era visto.  
E assim vestido aguardarei o sol  
na mão dos camponeses.

Linda dos horizontes, o coração se estende  
ao lado dos amantes, e colhe o mel das luas  
que aclararam o mar de amor entre dois corpos.  
Assim surge a promessa e o fundamento  
das cantigas que minha voz espera.

Gerado em chão noturno, o coração se põe  
em marcha e bebe os vinhos dêste vento  
que sopra o último adeus dos fuzilados  
em direção a nós.

E os rumos, de tão claros, arrancam choro e  
[sangue  
no canto que os celebra.

## II

Às margens dêste rio  
cantarei  
os pobres e os humildes  
e a aurora sempre a mesma  
no olhar dos que conduzem  
os pobres e os humildes.  
E as estradas tão longas  
no coração dos velhos,  
e o pátio azulado  
dos meninos, e o jarro  
de flôres na varanda,  
e a navegante mesa  
dos ébrios, e o sapato  
imóvel dos defuntos,  
e o férreo marche-marche  
dos trens cruzando as pontes

cantarei altamente às margens dêste rio  
que os ricos armadores sombrearam de navios  
carregados de urânio e de ouro negro  
e de perguntas prisioneiras.

## III

Inalterável, eu, que atravessei o tempo  
com a rosa triste dos velhos outonos  
prêsa no meu relógio,  
eu, védica sandália, Atenas grave e trágica  
ou doce fruto de uma dor hebraica,

às margens dêste rio  
cantarei suavemente

a lenda

de uma princesa adormecida  
(tão bela como a vida)  
que dormia e dormia  
(tão bela como a vida)  
até que a despertaram

tão bela como a vida.

## TRÊS ANOTAÇÕES SOBRE AS MUDANÇAS DO TEMPO

### I

Acordadas pelo Tempo, verdes panteras saltaram sobre a imensa vida deformada, e principiaram a riscar o caule ainda inconcluso dos presságios, enquanto os grilos costuravam, costuravam o terrível esqueleto de uma noite magra.

Largos eram os sulcos dessangrados pela suada máquina dos músculos.

E os grilos costuravam. Vagarosos, tão vagarosos como o sofrimento que se identifica, ao longo das avenidas os grilos costuravam definições de sombra e de amargura na saia amarela das vitrinas das casas de comércio. E os Arautos da Ordem — invisíveis, eficazes — pela milionésima vez enxotavam o Homem. E tudo se resumia em sons de ratos e de esgotos.

Tranqüilos, no Palácio da Justiça, ressonavam os magistrados e os formalistas, empunhando a secularíssima podridão dos palimpsestos; e o sacerdotes, peripatéticos, matavam o tempo vendendo indulgência aos poderosos,

Todos velavam um túmulo vazio. Balbuciando em aramaico ou inglês, todos se cobriam de estêrco ou de champanha, e se preparavam para festejar mais um Natal sem Cristo sôbre o envernizado lombo das vacas e dos homens.

Todos velavam um túmulo vazio. E ignoravam todos que monstruosas flôres de sal e de brasil boiavam nas altas águas silenciosas, onde a nadadora bôca do poeta deslizava, mordendo e remordendo os nublados seios da aurora.

## II

Como um difícil peixe vertical, o camponês enorme levantou-se. Desde então houve o equilíbrio e a pausa, o gesto, o equilíbrio e a pausa sôbre a imensa vida deformada.

Desde então a fôrça de sonhar aprisionou a lua no vasto interior dos homens acordados sôbre a Terra. E de cada sombra — ó noturna idade! — mandíbulas invisíveis devoravam o corpo triste da lua.

E, desde então, as estrêlas tremeluziram uma nova orquestração do exílio, e principiaram a doer de modo diferente.

## III

Nas arcadas das pontes, nos fios elétricos, ou no desvão das coisas nunca possuídas, as pré-históricas escamas partiam e se repartiam em borboletas tontas de metal e de esperança. Assim o camponês enorme grimou a grande altura das fábricas.

No ruído das máquinas surgiu-lhe a primeira e dolorosa noção de dansa. E quis o ritmo. Antes, era só o sofrimento, pedra caindo, fruta caindo, vida caindo. Lago e tempo. Tempo e lago. Lago!

Poucos perceberam nesta hora um tempo morto sôbre os parapeitos.

REYNALDO JARDIM

### COM A MÃO ABERTA

Deu os sapatos  
e mais dera  
se um lírio tivesse ainda

Ainda dava a camisa  
se no corpo lhe restasse  
mais do que o sôpro do mar

Deu a rêde e a jangada  
(se eu soubesse navegar  
era a mim que êle dava  
até o jeito do mar)

Deu a raiz que plantara  
no seu deserto irreal  
Deu o catre em que dormia  
e sua porção de sal  
Deu o braço mais direito  
Uma cicatriz no peito  
e a sombra do seu pulmão  
Mais daria se soubesse  
ser hoje a revolução

Daria o suor do corpo  
Mas não deu o seu punhal  
Reduto de sua paz

Defesa do seu quintal  
que vai do  
tempo de espera  
ao amor universal

### JOAQUIM

Chora, meu filho, canta  
Enquanto teu pranto corre  
Seu chôro será mais canto  
Se fores homem

Seu pranto será um grito  
Grito sem jeito de morte  
Grita teu cheiro de vida  
Meu filho homem

Mantém teu corpo despido  
Tão nu que a ninguém assuste  
Mantém a pureza intata  
Para ser homem

A fome se te assusta  
Luta com unhas e dentes  
A fome, não só a tua  
A fome de tôda gente  
Luta como não o fazes  
Agora que sois projeto  
A casa que te abriga  
Será sonho de concreto

Darás tua vida à toa  
Não temerás qualquer dor  
Tua mãe rasgou o corpo  
Deu-te a luz e o calor  
Mesmo temendo o abismo  
Sofre-o, se salvas o corpo  
Não o teu, que é quase nada  
Mas o outro

Só deixando em cada pôrto  
A mão, um gesto, um intento,  
Serás o homem sonhado  
A contento

### O GATO

Era uma terra  
Coberta inteira  
De verde mato  
E águas pretas

Dentro da terra  
A fôrça grossa  
De substâncias  
Inexploradas

Era uma terra  
De homens fartos  
E homens negros  
E homens raros  
Cheios de amor

Era uma terra  
De curta história  
Mas de bravura  
Bravura adusta  
Crua de sangue  
Que pela vida  
Sempre lutou

Mas veio o gato  
Comprou a fábrica  
O tribunal  
A velha usina  
O sindicato  
Comprou a luz

Roubou o gás  
Ceifou o trigo  
Levou o vinho  
O pão do povo  
Do povo a cabra  
Da cabra o leite  
Do leite a nata  
Da nata o queijo  
Do queijo o creme  
Do creme a lata  
Da lata o fundo  
Acabou-se o mundo  
Se não te dói  
Sela tua bôca  
De gritos crassos  
Fecha teus punhos  
De gestos machos  
Curva-te ao chão  
Abre tuas portas  
Entrega o ouro  
De tuas rochas  
Que ao regresso  
Dessa jornada  
Perguntarão  
Cínicas falas:  
— Onde o rio  
Que se escorria  
Por sôbre o  
Leito de pedrarias?  
Onde o reino  
De nívea paz?  
Onde a infância  
De alegria  
Que se espalhava  
Em viço audaz?

Responderia  
A tua bôca  
E o teu sangue  
Que não correu:  
— Aquela terra  
De história adusta  
Fiz-me de rato  
Gato comeu

#### A COISA ÚTIL

Um fruto (ou mesmo o pão)  
É útil à proporção que alimenta  
A couve-flor (ou mesmo o ar)  
E bela porque germina  
Assim o trigo e o canavial  
O café e o pôrto  
A mulher e o tempo  
— sementes de gordos horizontes

Comei dêste poema  
Um gomo ou a laranja integral  
O pó não alimenta  
Mas na terra o pasto viceja  
No pensamento vazio nada vive  
Mas onde houver substância  
Ali o alimento existe

Mastigai o poema  
Com casca, polpa, gérmens, ácidos  
Os resíduos seguirão o doloroso fim  
A seiva enriquecerá teu plasma sanguíneo  
Em ferro e iôdo  
Em sol e tempo  
E horizontes palpáveis

Uma fruta (ou mesmo a harmonia)  
O agrião, as greves e as alfaces  
— palavras indigestas à poesia...  
No entanto, o nutritivo poema se fermenta  
E sôbre cidades, soldado, fábrica, menino  
Explica a anemia  
Nutre a revolução.